



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

Mercado editorial brasileiro: seus entraves para a aplicação da lei 10.639/2003 e o permanente não reconhecimento do negro escrito

Geny Ferreira Guimarães*

Resumo: Com a proximidade do ano de 2013 e do primeiro decênio da Lei 10.639/2003¹, algumas reflexões impõem-se quanto à sua implementação. Dentre várias existentes, este artigo privilegia uma reflexão sobre as escolhas de autores literários pelo mercado editorial, visto que há uma relação entre a apropriação do texto da Lei com o novo nicho que se apresenta e a demanda que precisa ser suprida. Essas escolhas não contemplam a pluralidade étnica brasileira com representatividade de escritoras(es) negras(os) brasileiras(os) e africanas(os) dos países de língua portuguesa, o que parece configurar uma aviltante deslealdade das grandes editoras: ao privilegiar um determinado grupo de escritores e manter a acessibilidade aos escritores euro-descendentes, estas mantêm invisibilizados os autores negro-africanos(as) para o público brasileiro. Contrapondo-se, porém, à visibilidade “cuidadosamente regulada” e manipulada pelo mercado editorial que produz um “tipo de diferença que não faz diferença alguma” (HALL, 2003, p. 358), percebemos que iniciativas editoriais negras como as da Nandyala Livraria e Editora e o Quilombhoje proporcionam ao público contradiscursos negros de brasileiros e de africanos como elemento “suplementar” (DERRIDA, 1971, p. 245) ao discurso hegemônico brasileiro. Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar de forma crítica o panorama supracitado e uma reflexão sobre a possibilidade de novas estratégias para a reconfiguração dos catálogos das grandes editoras que privilegiem a diversidade étnica brasileira e africana, por meio da reformulação das publicações do mercado editorial, componente essencial para a luta antirracista no Brasil e instrumento facilitador para a aplicação da Lei 10.639/2003.

Palavras-chave: 10.639/2003; Mercado editorial; Luta antirracista.

Abstract: With the proximity of the year 2013 and the first decade of Law 10.639 / 2003, some reflections are required regarding its implementation. Among the several existent, this article privileges a reflection on the choices of literary authors by the publishing market, since there is a relation between the appropriation of the text of the Law with the new niche that presents itself and the demand that needs to be supplied. These choices do not contemplate the Brazilian ethnic plurality with the representation of Brazilian blacks and African authors from the Portuguese-speaking countries, which seems to constitute a disgraceful disloyalty of the great publishers: by privileging a certain group of writers and maintain accessibility to Euro-descendant writers, these keep Black African authors invisible to the Brazilian public. However, contrasting with the "carefully regulated" visibility manipulated by the publishing market that produces a "kind of difference that makes no difference" (HALL,

* UFBA. E-mail: genybr@yahoo.com.br

¹ Lei que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/1996) passando a vigorar com arts. 26-A, 79-A (vetado) e 79-B tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura da África e Afro-Brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, no âmbito de todo o currículo escolar. Em 2008, a Lei 10.639 é alterada pela Lei 11.645 e acrescenta a obrigatoriedade para a História Indígena.

2003, p.358), we realize that black publishing initiatives such as those of Nandyala Livraria and Editora Quilombhoje provides the public with the black discourses of Brazilians and Africans as a "supplementary" (DERRIDA, 1971, p.245) to Brazilian hegemonic discourse. Thus, the objective of this article is to present a critical analysis of the aforementioned panorama and a reflection on the possibility of new strategies for the reconfiguration of the catalogs of the great publishers that privilege the Brazilian and African ethnic diversity, through the reformulation of the publications of the publishing market, an essential component for the fight against racism in Brazil and a facilitating instrument for the application of Law 10.639 / 2003.

Keywords: 10.639 / 2003; Editorial market; Anti-racism fight.

Introdução

Com a proximidade do ano de 2013 e do primeiro decênio da Lei 10.639/2003, algumas reflexões impõem-se quanto à sua implementação. Dentre várias existentes, este artigo privilegia uma reflexão sobre as escolhas de autores literários pelo mercado editorial, visto que há uma relação entre a apropriação do texto da Lei com o novo nicho que se apresenta e a demanda que precisa ser suprida. O que se percebe é que essas escolhas não contemplam a pluralidade étnica brasileira com representatividade de escritoras(es) negras(os) brasileiras(os) e africanas(os) dos países de língua portuguesa. Configura-se assim, aparentemente, uma aviltante deslealdade das grandes editoras: ao privilegiar um determinado grupo de escritores e manter a acessibilidade aos escritores euro-descendentes, mantém-se invisibilizados os autores negro-africanos(as) para o público brasileiro. Tal fato cria um impasse para a aplicação da Lei 10.639/2003, já que essas escolhas não representam de forma abrangente as vertentes de produções literárias de países africanos de língua portuguesa, assim como a diversidade étnico-cultural de seus países e do Brasil. Além disso, os poucos autores que poderiam ser considerados negros e contemplariam o texto da Lei por vezes se demonstram contrários às ações afirmativas. Os escritores negro-brasileiros não têm seus títulos publicados por esse grande mercado editorial, outro fato que dificulta o conhecimento do público dessa vertente literária brasileira: esses autores não contam com a rede de propaganda e de distribuição que existe no país, disponível para o cânone literário nacional. Sendo assim, o público brasileiro - principalmente os estudantes de ensino fundamental e médio que deveriam ser atingidos com uma gama de informações culturais e literárias sobre o continente africano escrito também por negro-africanos, e por textos com um viés antirracista que abordam as ambiguidades do discurso da democracia racial proposto pelos autores negro-brasileiros - permanece com poucas opções. Configurando uma territorialidade para os negros estudantes do ensino básico, este é baseado em um "entre-lugar" que os impede de "formular estratégias de representação ou aquisição de poder" (BHABHA, 1998, p. 20): a imposição

[76/91]

estipulada pela elite branca brasileira, detentora do mercado editorial, não proporciona opções aos que são considerados subalternizados na sociedade.

Contraopondo-se à visibilidade “cuidadosamente regulada” e manipulada pelo mercado editorial que produz um “tipo de diferença que não faz diferença alguma” (HALL, 2003, p. 358) surgem então iniciativas editoriais negras como a da Nandyala Livraria e Editora e o Quilombhoje. Estas proporcionam ao público contradiscursos negros de brasileiros e de africanos como elemento “suplementar” (DERRIDA, 1971, p. 245) ao discurso hegemônico brasileiro. Este fato força uma rearticulação e ressignificação, pois o “signo que substitui o centro, que o supre, que ocupa o seu lugar na sua ausência, esse signo acrescenta-se, vem a mais como suplemento (...), suprir uma falta do lado do significado”. Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar de forma crítica o panorama supracitado, bem como uma reflexão sobre a possibilidade de novas estratégias para a reconfiguração dos catálogos das grandes editoras que privilegiem a diversidade étnica brasileira e africana. Isso porque a reformulação das publicações do mercado editorial é componente essencial para a luta antirracista no Brasil e um instrumento facilitador para a aplicação da Lei 10.639/2003.

1. Lei 10.639/2003: discussões e corrida editorial se tornam acirradas

Com a Lei 10.639/2003 sancionada, novas perspectivas sociais surgiram e novos rumos para a educação brasileira foram propostos. Esta Lei é fruto de todo um processo de longos anos de resistências, lutas, reivindicações e negociações políticas dos movimentos negros com as lideranças governamentais brasileiras. Finalmente a Lei está posta: o que, então, verdadeiramente mudou nestes quase 10 anos de sua existência?

Com relação à aplicação da Lei, em um primeiro momento foi intensa a vontade de vários professores em criar material, textos, instrumentos didáticos para suas aulas. Criou-se uma verdadeira rede de trocas de vídeos, filmes, revistas, textos, livros até que o mercado editorial brasileiro percebeu esta lacuna e começou a trabalhar em prol de sanar esta deficiência: de material didático (livros didáticos e paradidáticos) e de livros de literatura.

Portanto, o que é sempre dito e sabido por todos é que uma lei não modifica mentalidades, comportamentos e muito menos hábitos culturais de um momento para outro. Se os preconceitos e o racismo foram construídos por séculos, a sociedade levará também bastante tempo para desfazê-los, infelizmente. Esperamos que não sejam vários séculos e que o tempo para expurgá-los seja menor do que o tempo para construí-los. Enquanto isso, Kabengele Munanga (1996) desenvolve todo um pensamento voltado para o entendimento de

[77/91]

um “racismo silencioso” para o caso do Brasil, e o apresenta como eficiente e silenciosamente construído. Munanga refere-se à forma com que sorrateiramente o racismo foi se espalhando como uma praga na sociedade e como se instalou, gerando uma falsa naturalidade de atitudes malélicas e perversas; além de tentativas de invisibilizar as estratégias criadas para a anulação da participação efetiva dos negros em todos os níveis da sociedade. Munanga (2005, p. 15) ainda acrescenta que “não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade”.

Dentro dessa perspectiva, as escolhas e as ausências nas publicações de autores africanos de língua portuguesa e de negros brasileiros pelo grande mercado editorial de nosso país revelam tensionamentos quanto à aplicabilidade da Lei 10.639/2003, que podem ser analisados como “conscientes ou inconscientes”. Caso sejam conscientes, representam mais uma estratégia de manutenção do racismo no país que, de acordo com Munanga (1996), age de forma silenciosa. Contudo, caso sejam inconscientes, representam o resultado do racismo silencioso que eficientemente conseguiu deixar os vários segmentos da sociedade despreparados para lidar com a diversidade - algo que precisa ser discutido por todos, pois, para Munanga (2005), o resgate tanto da “memória coletiva” quanto da “história” não pertence “apenas aos alunos de ascendência negra”, mas

[i]nteressa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p. 16)

Por isso, a razão da Lei ser de âmbito nacional: para ser aplicada em todos os sistemas de educação do país e em todas as disciplinas, assim como suas diretrizes, as quais orientam uma reformulação do currículo universitário (de formação de professores capacitados para tal ensino). No entanto, a importância de um resgate da memória coletiva, da história da comunidade negra, assim como sua efetiva participação na construção desta memória e história, não são facilmente aceitos em uma sociedade que apresenta historicamente características racistas. O mercado editorial, assim como qualquer segmento empresarial preza agradar o seu público principal. Adapta-se a produção editorial ao novo momento de mudanças que a Lei exige: ao mesmo tempo surge um espaço propício a publicações de uma literatura que a contemple, mas, por outro lado, não se modificam as estruturas edificantes do

racismo institucional que resiste à Lei - ao momento histórico de construção e reconstrução da memória e história dos negros brasileiros e africanos por eles próprios, assim como de uma construção mais democrática para o país.

Em razão das escolhas que aqui serão expostas, consideramos que no mercado editorial predomina “uma literatura contemporânea [que] reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira” (DALCASTAGNE, 2011, p. 309). Tais reflexões revelam a necessidade de avaliarmos a construção do cânone literário no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa e suas implicações a partir de referências hegemônicas europeias, patriarcais, brancas e capitalistas. Ou seja, o fenótipo negro se torna algo indesejável socialmente. Por isso, interrogar esse cânone é uma condição essencial para o pesquisador desses países, como a pertinente a reflexão de Laura Cavalcante Padilha quando menciona o cânone constituído em África:

Lembrando o fato de que o acervo crítico dessas literaturas se ter forjado inicialmente fora da África – na Europa e nas Américas, com Portugal e Brasil à frente –, começo a questionar até que ponto, o cânone “consagrado” por outras vozes que não as africanas, submeteu-se aos mesmos mecanismos de dominação e poder que sempre tiveram como meta elidir as diferenças, sobretudo se o objeto recortado são questões como de gênero e raça. (PADILHA, 2002, p. 164).

As presenças de gênero e raça somente ganham força no Brasil com o abrandamento da ditadura ao final dos anos 1970: acompanham as movimentações feministas na Europa nas décadas de 60/70; os avanços e conquistas de cidadania dos negros norte-americanos; as independências dos países africanos de língua portuguesa na primeira metade da referida década; as lutas contra a segregação racial na África do Sul pelo Movimento da Consciência Negra; a rearticulação das organizações e manifestações culturais negras em várias capitais do país, tendo como exemplos o bloco *Ilê Ayê* e o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR). Na literatura, além de publicações de autores negros que circulavam em lugares díspares como bailes e bares de maioria negra, a estreia da proposta coletiva de “Cadernos Negros” marcava um outro tempo para esses autores:

[a] África está se libertando! já dizia Bêlsiva, um dos nossos velhos poetas. E nós brasileiros de origem africana, como estamos? Estaremos no limiar de um novo tempo. Tempo de África vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das idéias que nos enfraquecem e que só querem nos dominar. (ALVES, 2012, p. 222)

Ainda para Alves (2012, p. 222), as publicações de Cadernos Negros representam um marco de valorização resultante “de nossa vigilância contra as idéias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. As diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser muro erguido entre aqueles que encontram na poesia um meio de expressão negra”. Essa expressão negra pode ser pensada como uma “legítima defesa dos valores do povo negro” e possui como representação a “poesia como verdade, testemunha do nosso tempo”. Toda essa atenção despertada pela autoria negra e a inserção de negros nas universidades chamou atenção para a rara produção acadêmica e do mercado editorial quanto a assuntos negros. Em razão disso, foi de extrema ousadia o projeto da editora Ática, intitulado “Autores Africanos”, ao final dos anos 1970. Esta coleção durou de 1979 a 1991, reuniu 27 títulos, foi galardoada com prêmios editoriais, tais como o Jabuti 1980 de melhor produção editorial e o de melhor coleção editada no país pela APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte. Podemos afirmar que esta coleção foi consequência desse processo de valorização dos negros brasileiros e africanos. Entretanto, não devemos perder a perspectiva do reducionismo do título da coleção que acompanha o senso comum de unidade do continente africano, negando a nacionalidade dos autores representados.

Todavia, como mostraremos adiante, a iniciativa da Ática tornou-se um caso isolado, pois a publicação de autores africanos somente ganhou novo fôlego com a promulgação da Lei 10.639/2003. Enquanto isso, no mesmo período, os escritores negros brasileiros eram forçados a continuar publicando em projetos coletivos ou autofinanciando edições de autor, ou em pequenas editoras, com tiragens reduzidas, dificuldades de distribuição e divulgação de suas obras. Ou seja, a cadeia constituinte de produção, edição, divulgação e distribuição das obras de autores negros permaneceu inalterada, nos moldes da geração do mimeógrafo². Por causa de diferentes impedimentos para a reduzida participação de negros brasileiros e africanos de língua portuguesa, explicaremos a metodologia adotada para este artigo.

2. Metodologia das escolhas apresentadas sobre o mercado editorial.

Nosso levantamento estatístico de autores africanos engloba obras publicadas a partir de 1962 – data do primeiro livro do cabo-verdiano radicado no Brasil, Luís Romano – até outubro de 2012, tendo como referencial o ano de 2003, ano de promulgação da Lei 10639,

² A geração do mimeógrafo ou da literatura marginal foi um movimento literário formado por jovens escritores no início dos anos 1970. Nomes como Chacal, Chico Alvim, Ana Cristina César foram alguns dos partícipes. Esses escritores cuidavam da própria edição, divulgação, venda e distribuição de suas obras à margem do mercado editorial. Para conhecer um pouco mais desse processo, consultar, dentre outros, *26 poetas hoje*, antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda.

como momento crucial para identificarmos o “boom” de autores africanos de língua portuguesa. Nesse período identificamos 115 obras de poesia e prosa (gêneros romance, contos, crônica e novela), sendo que 81 livros foram publicados após o ano de 2003, com o percentual de 70,43%. Como nossa meta é apresentar o levantamento de raça e gênero, priorizamos as publicações individuais em detrimento das antologias várias existentes no mercado brasileiro. Nosso mapeamento incluiu livros lançados por 20 editoras, porém 4 livros apresentam-se sem identificação. Entre as escolhidas, definimos como “grandes editoras”³ as que conseguem atingir um público mais amplo em razão de maior distribuição nas livrarias do país, maior quantidade de autores, melhor visibilidade de seu acervo nos cadernos literários de mídias impressas, internet etc., por conseguinte, mais atenção de críticos, acadêmicos e facilidade em constituir público para essas literaturas.

Identificamos um total de 56 escritores africanos publicados nesses últimos cinquenta anos, sendo gritantes as hegemonias de gênero - com apenas 9 mulheres (16,07%) - e de raça, apenas 16 negras e negros (28,57%). Como podemos perceber, esses dois eixos ratificam a afirmação de Laura Cavalcante Padilha de que permanecem nas escolhas do mercado editorial os mecanismos de dominação e poder quando tratamos de raça e gênero. Essas hegemonias jamais foram alteradas e no calor dos dez anos da Lei 10.639/2003, o que nos leva a pergunta: houve/haverá mudança no mercado editorial?

A respeito dos representantes da literatura negro-brasileira evidencia-se que o fenótipo negro marca as escolhas das editoras, uma vez que ficamos impossibilitados de criar tabelas demonstrativas como as confeccionadas para as literaturas africanas de língua portuguesa. Tal quadro, ou melhor, a ausência dele, retrata a exclusão da autoria negra pelas grandes editoras apesar de alguns desses escritores possuírem diversos títulos⁴, como os casos de Cuti e Oliveira Silveira, por exemplo. Outra peculiaridade imposta aos autores negros revela-se pela pouca quantidade de obras, apesar da longa trajetória literária. Esse fato acontecia no passado com nomes como de Adão Ventura, Solano Trindade, entre outros, e permanece no momento atual, casos de Conceição Evaristo, Miriam Alves, José Carlos Limeira, Lia Vieira, entre outros, que possuem poucas obras individuais.

3. Mercado editorial pós-Lei 10.639/2003

³ Consideramos como Grandes Editoras: Agir, Ática, Companhia das Letras, Editora da UFMG, Gryphus, Leya, Língua Geral, Nova Fronteira e Record.

⁴ Esses títulos possuem a marcante característica das edições de autor ou são editados por pequenas editoras, na maioria dos casos, editoras negras.

Embora haja constituição de um cânone euro-descendente (e masculino) pelas grandes editoras para as literaturas africanas de língua portuguesa, percebemos que a possibilidade de mudança desse quadro pode vir das editoras especializadas em temáticas afro-brasileiras e africanas - casos da Mazza Edições, Nandyala Editora e Livraria e Pallas Editora, somente para citar algumas, dentre outras menores que começam a surgir, e as corajosas, persistentes e necessárias edições de autor. Toda essa cadeia ainda não possui o fôlego financeiro para competir com as grandes editoras, mas vale-se de um catálogo sensível às temáticas supracitadas e maior sensibilidade para a importância do fenótipo para o escritor.

Por outro lado, hoje temos no mercado editoras especializadas em autores do mundo lusófono ou lusofonia, casos da Língua Geral e da Leya. Estas editoras estão no mercado com publicações de qualidade gráfica invejável, forte esquema de divulgação, catálogo com autores consagrados, entre outros fatores. Esse fato poderia ser motivo de comemoração do sucesso alcançado, apesar de percebermos que o determinante na escolha dos autores pelas editoras não apresenta inovação em termos de diversidade. A Língua Geral pretende:

apostar especialmente no vasto universo da língua portuguesa, um espaço ainda pouco explorado pelas editoras nacionais. Mediante obras de caráter ensaístico, ficcional e poético, busca ampliar o diálogo entre os países lusófonos e suas particularidades culturais e lingüísticas. Venha conhecer, por meio deste site, alguns dos nossos principais autores – clássicos e contemporâneos – de Angola, Brasil, Moçambique e Portugal, destinados ao público adulto e infante-juvenil. Desde 2006 a Língua Geral vem consolidando seu nome como uma modesta e importante casa editorial, que investe tanto em autores já consagrados (como José Eduardo Agualusa, Ondjaki e Pepetela) quanto em talentos recém-descobertos (Andréa del Fuego, ganhadora do Prêmio José Saramago 2011 e João Tordo, finalista do prêmio Portugal Telecom, também em 2011).⁵

Enquanto isso, a Leya tem como objetivos que podem ser encontrados no *site* da editora⁶, dentre os quais: “editar os livros que as pessoas querem; apostar nos autores em língua portuguesa; projectar no mundo os autores em língua portuguesa; [e] ser um grupo editorial de referência no espaço de língua portuguesa”.

Dessa maneira, inferimos que as novas editoras possuem propostas ousadas para inserção no mercado editorial, tentam fugir da estigmatização de autores africanos, eliminam as representações nacionais e continentais, e incorporam um discurso diluído na lusofonia. Outro dado relevante é a presença do escritor angolano José Eduardo Agualusa como um dos sócios da Língua Geral. Por enquanto os catálogos das duas editoras reforçam o cânone euro-descendente, excluem as autoras, reduzem suas publicações a autores angolanos e moçambicanos e esquecem-se de apresentar as literaturas de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São

⁵ Disponível em: <<http://www.linguageral.com.br/editora/>> Acesso em outubro/2012.

⁶ Disponível em: <<http://geral.leya.com.br/gca/index.php?id=149>>. Acesso em: outubro/2012.

Tomé e Príncipe. Também percebemos nesse processo o desinteresse de lançar livros dos artífices da literatura negro-brasileira.

No caso das editoras especializadas nas temáticas afro-brasileiras e africanas temos motivos para comemorar, pois a literatura negro-brasileira vem sendo disseminada com títulos literários e ensaísticos com frequência e quantidade inéditas até então, principalmente no que diz respeito ao gênero⁷. Nessa perspectiva ressaltamos o trabalho da Nandyala que também publica autoras e autores negros africanos até então inéditos no país.

Por outro lado, quando tratamos da autoria negro-brasileira nas grandes editoras o quadro é desolador. Ana Maria Gonçalves, autora de “Um defeito de cor” (Record, 2006)⁸, foi uma rara escritora negra a conseguir publicação em uma grande editora. Porém, na sua primeira edição, o livro omite que se trata de uma autora negra. Para melhor compreensão, consideramos autoras e autores negro-brasileiros como aqueles que revelam nos seus textos literários uma profunda consciência social da situação da população negra no Brasil, que fazem da literatura território para tensionar o racismo e desmascará-lo, têm plena consciência da função social da literatura. De certa maneira, são reconhecidos como os que publicam em “Cadernos Negros” e trazem para os seus escritos características como:

construção de uma origem cultural de base africana; valorização de costumes, religião e outras tradições herdadas das culturas africanas; resgate de episódios históricos que evidenciam o comportamento heroico de negros na história do Brasil e o trabalho de conscientização do negro no Brasil para a necessidade de assumir uma identidade afro-brasileira, insurgir-se contra o racismo e disputar o acesso aos espaços de poder (SOUZA, 2006, p. 110).

Por causa do espaço quase inexistente da autoria negra brasileira nas grandes editoras, ficamos impossibilitados de criar tabelas para apresentar os avanços (ou não) dessa vertente literária após a implementação da Lei 10.639/2003. Por isso, seguem as tabelas mencionando apenas as literaturas africanas de língua portuguesa.

4. O quadro editorial brasileiro para as literaturas africanas de língua portuguesa

Segue todo o levantamento de dados sobre o mercado editorial.

Tabela 1 - publicação de obras africanas de língua portuguesa por país, pré e pós-Lei 10639/03				
País	Quantidade livros pré	Quantidade livros pré-	Quantidade livros pós-	% livros

⁷ Assinalamos o ano de 2011 como paradigmático para as nossas escritoras negras, visto que Conceição Evaristo (“Poemas da recordação e outros movimentos”), Miriam Alves (“Mulher Matriz”), Lia Vieira (“Só as mulheres sangram”), Cristiane Sobral (“Não vou mais lavar os pratos” e “Espelhos...”) e Cidinha da Silva (“Kuami”, “Oh, Margem! Reinventa os rios”, “O mar de Manu”) publicaram ao longo do ano.

⁸ Romance épico eleito entre os dez melhores lançamentos literários da década de 2000 pelo júri do Caderno Prosa & Verso, Jornal *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/12/25/criticos-elegem-os-dez-melhores-livros-dos-anos-2000-252689.as>>. Acesso em: outubro/2012.

	e pós-Lei 10639/03	Lei 10639/03	Lei 10639/03	pós-10639/03
Angola	62	16 livros	46 livros	74,19%
Cabo Verde	23	13 livros	10 livros	43,48%
Guiné-Bissau	2	nenhum livro	2 livros	100%
Moçambique	27	5 livros	22 livros	81,48%
São Tomé e Príncipe	1	nenhum livro	1 livro	100%
Total	115	34 livros	81 livros	70,43%

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela realizada pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

A Tabela 1 apresenta o quantitativo de livros de autores africanos de língua portuguesa publicados antes e depois da Lei 10.639/2003. Nos anos pré-Lei 10.639/2003 percebemos a importância da coleção Autores Africanos, da editora Ática, responsável por 52,94% (18 em 34) das publicações do período. Nesse período Cabo Verde destaca-se em razão dos autores Luis Romano e Maria Helena Sato publicarem suas obras no Brasil. É o único momento que a literatura do arquipélago aparece à frente da moçambicana. Sem eles, a quantidade cairia para seis títulos apenas. Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe não têm títulos publicados nessa época.

Por outro lado, de 2003 para cá, após a Lei há um *boom* de publicações (81 livros) e constitui-se a predileção do mercado editorial pelas literaturas de Angola e Moçambique com aumento considerável de obras publicadas, sendo a moçambicana com o maior percentual (59,09%), mas com a metade do quantitativo de livros angolanos no período. Cabo Verde ocupa o terceiro lugar, porém distante dos líderes com menos de ¼ da quantidade de livros quando comparada à angolana e com menos da metade, quando comparada à moçambicana. Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe finalmente são contemplados, mas com quantitativo irrisório.

País	Quantidade livros angolanos e moçambicanos pré e pós-Lei 10639/03	Quantidade livros cânone pós-Lei 10639/03	% pós-Lei 10639/03
Angola	49 livros	38 livros	77,55%
Moçambique	22 livros	13 livros	59,09%
Total	71 livros	51 livros	71,83%

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela realizada pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

A Tabela 2 demonstra a relação de obras publicadas de angolanos e moçambicanos e o cânone euro-descendente consagrado pelas grandes editoras após a Lei 10.639/2003. Consideramos como cânone euro-descendente os angolanos José Eduardo Agualusa, Luandino Vieira, Ondjaki, Pepetela e Ruy Duarte Carvalho, mais o moçambicano Mia Couto. Para além da questão de raça, há também ausência de mulheres escritoras no referido cânone. De um total de 71 livros de autores de Angola e Moçambique, 51 são do cânone supracitado, o que configura um percentual de 71,83%. É relevante o impressionante número de reedições de obras deste cânone para um segmento tão reduzido, nove no total. Chama-nos também a

[84/91]

atenção o fato de, das 81 obras dos cinco países publicadas pós-Lei 10.639/2003, 51 delas serem pertencentes ao cânone euro-descendente (62,96%).

Editoras	Quantidade pré-Lei 10.639	%	Quantidade pós-Lei 10.639	%
Agir	X	X	1	1,22%
Ática	18	52,94%	1	1,22%
Círculo do Livro	1	2,94%	X	X
Cia. das Letras	1	2,94%	20	24,39%
Escrituras	X	X	4	4,88%
ED. UFMG	X	X	3	3,66%
Gryphus	3	8,82%	9	10,97%
LeYa	X	X	3	3,66%
Língua Geral	X	X	17	20,73%
Nandyala*	X	X	5	6,10%
Nova Fronteira	5	14,71%	1	1,22%
Pallas*	X	X	6	7,32%
Record	X	X	2	2,44%
Pequenas Editoras**	6	17,65%	9	12,19%
Total	34	100%	81	100%

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela realizada pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

* Editoras que priorizam temáticas africanas e afro-brasileiras.

**Consideramos como “Pequenas Editoras” as discriminadas a seguir: Arx-Siciliano, Escrituras, Komedi, Mosteiro da Santa Cruz, Mont Graf, Tradição Planalto, Geração Editorial, Imprensa Oficial do Recife e as denominadas *sem identificação*.

A Tabela 3 revela as obras publicadas por editora antes e depois da Lei 10639/2003. No período anterior à Lei, a Ática representa pouco mais da metade dos lançamentos do período. Assinalável, ainda que poucos títulos, os números da Nova Fronteira e Gryphus em meados dos anos 1990 e início de 2000, mas sem que se constituísse uma nova série de escritores africanos. No mais, títulos dispersos em pequenas ou grandes editoras.

Já no pós-Lei 10.639/2003, o mercado editorial atenta-se para o novo nicho que precisa ser preenchido, evidenciado pela Companhia das Letras, que havia lançado apenas um livro de Germano Almeida (*Cabo Verde*) nos anos 1990 e que agora assume a liderança do segmento de literaturas africanas de língua portuguesa, tendo em Mia Couto o seu grande nome. Destacamos o início das editoras dedicadas à lusofonia, a Língua Geral e a Leya. Entretanto, o surgimento dessas editoras não corresponde à publicação e à diversidade de autores(as) negros(as) africanos(as), mas sim à consolidação do cânone euro-descendente, por conseguinte, a manutenção de privilegiar as literaturas de Angola e Moçambique.

País	Quantidade Escritores(as) Negros(as)	Quantidade escritores negros pós-Lei 10639/03
Angola	11 escritores (3 escritores – Amélia Dalomba, Kandjila, Manuel Rui)	27,27%
Cabo Verde	6 escritores (1 escritor – José Luiz Tavares)	16,67%
Guiné-Bissau	2 escritores (Abdulai Sila e Odete Costa Semedo)	100%
Moçambique	8 escritores (5 escritores - José Craveirinha, Nelson Saúte, Rogério Manjate, Paulina Chiziane e Tânia Tomé)	62,50%
São Tomé e Príncipe	1 escritora (Conceição Lima)	100%
Total	28 escritores (12 escritores)	42,86%

[85/91]

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela realizada pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

A Tabela 4 relaciona a quantidade de escritores(as) africanos(as) e escritores(as) negros(as) africanos(as) publicados pós-Lei 10.639/2003. Gratificante o fato dos três escritores representantes de Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe serem negras e negros. Contudo, é irrisório o número de autores negros e autoras negras de Angola e Cabo Verde. Por outro lado, destacamos o alto percentual de Moçambique, ainda que represente quantidade pequena de obras. Dos 28 escritores publicados após a Lei, negras e negros africanos não chegam a 50%.

Tabela 5 – autores(as) negros(as) nos catálogos das grandes editoras pós-Lei 10639/03		
País	Grandes Editoras	% Autores(as) negros(as)
Angola	7 escritores (1- Manuel Rui)	14,28%
Cabo Verde	nenhum escritor	0,00%
Guiné-Bissau	nenhum escritor	0,00%
Moçambique	6 escritores (4 - José Craveirinha, Nelson Saúte, Rogério Manjate e Paulina Chiziane)	66,67%
São Tomé e Príncipe	nenhum escritor	0,00%
Total	13 escritores (5 negros)	38,46%

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela realizada pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

Para além do fato já citado, de que as publicações das grandes editoras reduzem suas publicações às literaturas de Angola e Moçambique, a Tabela 5 assinala o quanto é desigual a presença de negras e negros em seus catálogos. De Angola apenas a pequena novela de Manuel Rui, “Quem me dera ser onda”. Dos seis escritores moçambicanos, quatro são negros, número considerável, mas enganador em razão de cada autor ter apenas uma obra, número insignificante quando comparado ao quantitativo de Mia Couto (16 no total, 13 a partir de 2003). Para completar, estranhamos o fato de José Craveirinha, considerado o grande ícone de seu país, ter apenas uma antologia publicada no Brasil; e frisamos que Nelson Saúte é o único autor negro africano de língua portuguesa do catálogo da Língua Geral.

Tabela 6 – autores(as) negros(as) nos catálogos das editoras que priorizam temáticas negras pós-Lei 10639/03		
País	Editoras prioridades negras	% Autores(as) negros(as)
Angola	6 escritores (2 negros – Amélia Dalomba e Kandjila)	33,33%
Cabo Verde	nenhum escritor	0,00%
Guiné-Bissau	2 escritores (Abdulai Sila e Odete Semedo)	100%
Moçambique	nenhum escritor	0,00%
São Tomé e Príncipe	nenhuma escritora	0,00%
Total	28 escritores	14,28%

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

* Editoras que priorizam temáticas negras são os casos da Nandyala e Pallas Editora.

A Tabela 6 evidencia autores negros publicados pelas editoras que priorizam temáticas afro-brasileiras ou africanas. Dos 28 escritores publicados por grandes e pequenas editoras após a Lei, apenas 4 negros são lançados por editoras que priorizam temáticas negras. Nestas editoras, o percentual de escritores negros x euro-descendentes iguala-se: 50% (8-4).

[86/91]

Infelizmente, sentimos as ausências de negras e negros de Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe nessas casas.

Tabela 7 – Gênero: escritoras africanas publicadas pré e pós-Lei 10.639/03				
País	Quantidade Escritoras pré-Lei 10.639/03	% escritoras publicadas	Quantidade Escritoras pós-Lei 10639/03	% escritoras publicadas
Angola	9 escritores (nenhuma escritora)	0%	11 escritores (2 escritoras – Amélia Dalomba e Paula Tavares)	18,18%
Cabo Verde	6 escritores (nenhuma escritora)	0%	6 escritores (2 escritoras – Vera Duarte e Maria Helena Sato)	33,33%
Guiné-Bissau	nenhuma escritor	0%	2 escritores (1 escritora – Odete Semedo)	50%
Moçambique	3 escritores (1 escritora – Lina Magaia)	33,33%	8 escritores (2 escritoras - Paulina Chiziane e Tânia Tomé)	25%
São Tomé e Príncipe	nenhuma escritor	0%	1 escritora (Conceição Lima)	100%
Total	18 escritores (1 escritora)	5,56%	28 escritores (8 escritoras)	28,57%

Fonte: Coleta de dados e elaboração de tabela realizada pelo Prof. Ricardo Riso, outubro/2012.

A Tabela 7 apresenta o percentual reduzidíssimo de escritoras africanas publicadas no Brasil, independente de ser antes ou depois da Lei 10.639/2003. A representação de gênero está na negra Lina Magaia, pois foi a única escritora lançada no país antes da Lei. A partir de 2003, louvamos as escolhas de escritoras negras para representar os ínfimos índices de Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Cabo Verde possui 1/3 de mulheres entre seus autores, ainda que nenhuma negra. São baixíssimos os números de angolanas e moçambicanas apesar dessas duas literaturas representarem os maiores quantitativos, elas não atingem a casa de 30% no caso desta e inferior a 20% naquela. Ou seja, não atinge 30% o percentual de autoras negras ou não publicadas após a Lei 10.639/2003.

5. Considerações finais

É muito difícil e talvez até impossível prever o que pode vir a acontecer no futuro. Toda e qualquer afirmação não passa de especulação. Contudo, acreditamos que algumas posturas e posicionamentos possam auxiliar a implementação da Lei 10.639/2003 e obter como resultados maior conhecimento da história e cultura dos negros brasileiros e sua ancestralidade, por conseguinte, minimizar os malefícios do racismo. Um processo difícil e longo. Kabengele Munanga, assim como muitos outros, aposta na educação como um elemento central de mudança, mas que para tal é necessário um empenho de toda a sociedade:

Como, então, reverter esse quadro preconceituoso que prejudica a formação do verdadeiro cidadão e a educação de todos os alunos, em especial os membros dos grupos étnicos, vítimas do preconceito e da discriminação racial? Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes

[87/91]

essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (MUNANGA, 2005, p. 17)

Neste caso, o mercado editorial está incluído como uma parcela importante da sociedade no sentido de poder alcançar mudanças significativas ao oferecer obras de qualidade, diversificadas e diversas, com a perspectiva de ampliar as possibilidades de escolhas e de leituras, sem exclusão dos autores que fazem parte do grupo historicamente excluído de construções literárias nacionais e da formação de identidades nacionais plurais, tanto no Brasil quanto nos países africanos de língua portuguesa. Nesse sentido, este mercado pode ser uma saída definitiva de um “entre-lugar” para ocupação de um “lugar”, porém desta vez escolhido e não imposto, legitimado no seu “direito a significar”.

Referências bibliográficas:

ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Poéticas afro-brasileiras*. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2012. pp. 221-240.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BRASIL, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da "História e Cultura Afro-Brasileira".

DALCASTAGNE, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. História, Teoria, Polêmica. Vol. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 309-338.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte: EDUFMG / Brasília: Representações UNESCO no Brasil, 2003.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lília M. e QUEIROZ, Renato da S. (orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996, pp. 220-221.

_____. (org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD, Coletânea, 2005.

PADILHA, Laura Cavalcante. A diferença interroga o cânone. In: *Novos pactos, outras ficções* – ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANEXO I – Relação de autores e obras utilizados nesta pesquisa.

ANGOLA (62 livros) 7 NEGROS, 16 ESCRITORES

AGOSTINHO NETO (NEGRO) - ÁTICA: Sagrada esperança (1985)
AMÉLIA DALOMBA (NEGRA) - NANDYALA: Uma mulher ao relento (2011)
ANA PAULA TAVARES - PALLAS: Amargo como os frutos – antologia poética (2011)
ARNALDO SANTOS - ÁTICA: Kinaxixe e outras prosas (1982)
BOAVENTURA CARDOSO (NEGRO) - ÁTICA: Dizanga dia muenhu (1982)
JOÃO MELO - RECORD: Filhos da pátria (2008)
JOFRE ROCHA (NEGRO) - ÁTICA: Estórias de Musseque (1980)
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA 19 livros - CIA DAS LETRAS: Barroco tropical (2009); LÍNGUA GERAL: O filho do vento (2006); As mulheres do meu pai (2007); Milagrário Pessoal (2010); Estação das Chuvas (2010); Um estranho em Goa (2010); As mulheres do meu pai (2ª ed. 2012); Estação das Chuvas (2ª ed. 2012); Nação Crioula (2ª ed. 2012); GRYPHUS: Estação das Chuvas (2000); Um estranho em Goa (2001); O vendedor de passados (2004); Manual prático de levitação (2005); Nação Crioula (2006); O ano em que Zumbi tomou o Rio (2008); A conjura (2009); Um estranho em Goa (2ª ed. 2010); O vendedor de passados (2ª ed. 2011); Nwetti e o mar (2012);
KANDJILA (NEGRO) (2 Livros) - NANDYALA: Chipenda (2009); TRADIÇÃO PLANALTO: Njango – contos em volta da fogueira (2007)
LUANDINO VIEIRA (6 livros) - CIA DAS LETRAS: Luuanda (2006, 2ª edição), A cidade e a infância (2007); ÁTICA: A vida verdadeira de Domingos Xavier (1982); Luuanda (1982); Nós, os do Makulusu (1991); PALLAS: Kaxinjegele e o poder (2012)
MANUEL RUI (NEGRO) - GRYPHUS: Quem me dera ser onda (2005)
ONDJAKI (10 livros) - CIA DAS LETRAS: Avodezanove e o segredo do soviético (2009); Ynari – a menina das cinco tranças (2011); O voo do golfinho (2012); LEYA: Quantas madrugadas tem a noite (2010)
LÍNGUA GERAL: Os da minha rua (2007); O leão e o coelho saltitão (2009); E se amanhã o medo (2011);
AGIR: Bom dia camarada (2006); PALLAS: Há prendizajens com o xão (2011); A bicicleta que tinha bigodes (2012);
PEPETELA (10 livros) - ÁTICA: Mayombe (1982); As aventuras de Ngunga (1980), Yaka (1984); LEYA: O planalto e a estepe (2009); A sul. O sombreiro (2012); LÍNGUA GERAL: Predadores (2008); Predadores (2ª ed. 2012); NOVA FRONTEIRA: A Gloriosa Família (1999); A Geração da Utopia (2000); Parábola do cágado velho (2005); RECORD: Jaime Bunda – agente secreto (2003)
RUY DUARTE DE CARVALHO (3 livros) - CIA DAS LETRAS: Os papéis do inglês (2007); LÍNGUA GERAL: Desmedida (2010); GRYPHUS: Vou lá visitar pastores (2000);
UANHENG XITU (NEGRO) - ÁTICA: Mestre Tamoda (1984)

[89/91]

ZETHO CUNHA GONÇALVES - LÍNGUA GERAL: Debaixo do arco-íris não passa ninguém (2006); PALLAS: A vassoura do ar encantado (2012)

CABO VERDE - 23 livros – 1 NEGRO, 12 ESCRITORES

ANTÓNIO JANUÁRIO LEITE - KOMEDI: O poeta além-vale (2005)

BALTASAR LOPES - ÁTICA: Chiquinho (1986)

CORSINO FORTES - ESCRITURAS: A cabeça calva de Deus (2010)

GERMANO ALMEIDA - CIA DAS LETRAS: O testamento do Sr. Napumoceno (1996)

JOSÉ LUIZ TAVARES (NEGRO) - ESCRITURAS: Lisbon Blues seguido de Desarmonia (2008)

LUIS ROMANO - IMPRENSA OFICIAL DO RECIFE: Clima – poemas (1963); Sem editoras: Famintos (1962); Negrume/Lzimparín – contos caboverdianos (1973).

MANUEL LOPES - ÁTICA: Flagelados do vento leste (1979); CÍRCULO DO LIVRO: Flagelados do vento leste (1982)

MANUEL FERREIRA (Cabo Verde/Portugal) - ÁTICA: Hora di bai (1980)

MARIA HELENA SATO (9 livros) - KOMEDI: Cristais (2005); ARX-SICILIANO: Camaleoa – poesia da cidade, 450 anos de São Paulo (2004); MOSTEIRO DA SANTA CRUZ: Farol (2002); Caminho Orvalhado (2004); Presente do Mar (2003); Caleidoscópio (2009); MONT GRAF: Bonsais e haicais (2000); S/IDENTIFICAÇÃO: Recado de mulheres para os homens que se amam (2002); Faíscas (2001);

PEDRO MATOS - NANDYALA: Midju di Fogo (2010)

TEIXEIRA DE SOUSA - ÁTICA: Ilhéu de Contenda (1984)

VERA DUARTE - NANDYALA: A candidata (2012)

GUINÉ-BISSAU

ABDULAI SILA (NEGRO) - PALLAS: A última tragédia (2006)

ODETE COSTA SEMEDO (NEGRO) - NANDYALA: No fundo do canto (2007)

MOÇAMBIQUE (27 livros) – 7 NEGROS, 11 ESCRITORES

JOSÉ CRAVEIRINHA (NEGRO) - ED. UFMG: Poetas de Moçambique (2010)

LINA MAGAIA (NEGRA) - ÁTICA: Dumba Nengue: histórias trágicas do banditismo (1990)

LUÍS BERNARDO HONWANA (NEGRO) - ÁTICA: Nós matamos o cão tihoso (1980)

LUIS CARLOS PATRAQUIM (2 livros) - ESCRITURAS: O osso côncavo e outros poemas (2008); ED. UFMG: Poetas de Moçambique (2011)

MIA COUTO (16 livros) - CIA DAS LETRAS: Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra (2003); O último voo do flamingo (2005); O outro pé da sereia (2006); Terra sonâmbula (2007, reedição); A varanda do frangipani (2007); Venenos de Deus, remédios do Diabo (2008); O gato e o escuro (2008); Antes de nascer o mundo (2009); O fio das missangas (2009); E se Obama fosse africano (2011); Estórias abensonhadas (2012, reedição); A confissão da leoa (2012); LÍNGUA GERAL: O beijo da palavrinha (2006); NOVA FRONTEIRA: Terra Sonâmbula (1995); Estórias abensonhadas (1996); Cada homem é uma raça (1998);

NELSON SAÚTE (NEGRO) 2 livros - LÍNGUA GERAL: O homem que não podia olhar para trás (2006); Rio dos bons sinais (2007).

ORLANDO MENDES - ÁTICA: Portagem (1981)

ROGÉRIO MANJATE (NEGRO) - ÁTICA: O coelho que fugiu da história (2009)

RUI KNOPFLI - ED. UFMG: Poetas de Moçambique (2010)

PAULINA CHIZIANE (NEGRO) - CIA DAS LETRAS: Niketche – uma história de

poligamia (2004)

TÂNIA TOMÉ (NEGRO) - ESCRITURAS: Agarra-me o sol por trás (2010)

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

CONCEIÇÃO LIMA (NEGRA) - GERAÇÃO EDITORIAL: A dolorosa raiz do Micondó (2012)